

## TRABALHO COLABORATIVO PARA A COMUNICAÇÃO ALTERNATIVA EM ALUNO COM DEFICIÊNCIA SEM ORALIDADE

MODESTO, Rosemeire Fernanda Frazon<sup>1</sup>

### RESUMO

O presente artigo objetiva compreender aspectos relevantes do Trabalho Colaborativo e da Comunicação Alternativa. A pesquisa foi realizada em uma escola de ensino regular. Participaram do estudo um aluno com paralisia cerebral sem fala articulada, matriculado no 3º ano do Ensino Fundamental, suas professoras do ensino regular e do Atendimento Educacional Especializado, uma terapeuta ocupacional e uma fonoaudióloga. A pesquisa consistiu num estudo de caso, com aplicação de protocolo, observação e intervenção. A equipe colaborativa realizou reuniões semanais para análise dos dados coletados. Observou-se que o participante com paralisia cerebral aumentou suas habilidades comunicativas e as suas professoras compreenderam a importância do uso do Sistema de Comunicação Alternativa para o processo de ensino e aprendizagem.

1

**Palavras-chave:** Educação Especial; Trabalho Colaborativo, Comunicação Alternativa.

### ABSTRACT

This article aims to understand relevant aspects of Collaborative Work and Alternative Communication. The survey was conducted at a regular school. A student with cerebral palsy without articulate speech was enrolled in the study, enrolled in the 3rd year of elementary school, his teachers of regular education and the Specialized Educational Attendance, an occupational therapist and a speech therapist. The research consisted of a case study, with application of protocol, observation and intervention. The collaborative team held weekly meetings to analyze the data collected. It was observed that the participant with cerebral palsy increased their communicative skills and their teachers understood the importance of using the Alternative Communication System for the teaching and learning process.

**Keywords:** Special Education; Collaborative Work, Alternative Communication

## 1. INTRODUÇÃO

Entender a escola como base para a cidadania significa que os profissionais que transitam nesse espaço devem ser capazes de transformá-la num lugar de produção de conhecimentos propiciando assim uma educação para a democracia.

No entanto, esta tarefa, apesar de parecer bastante óbvia, se constitui num desafio, pois a escola, enquanto espaço educativo e cultural envolve diferentes pessoas, saberes e práticas,

---

<sup>1</sup> Mestranda em Educação pela UNESP Marília/SP. Pós-Graduada lato sensu Escola Inclusiva pela UNESP Marília/SP. Pós graduada lato sensu em coordenação pedagógica pela UFSCAR São Carlos/SP. Pós-Graduada lato sensu em Neuropedagogia pelo Instituto Rhema Marília /SP. Docente do curso de Pedagogia da FAEF. Contato: [rose\\_frazon@hotmail.com](mailto:rose_frazon@hotmail.com).

é um lugar de interação e possibilidades, trocas e socializações, mas também de conflitos, pois as pessoas apresentam diferentes pontos de vistas e exercitam diferentes formas de solução de problemas. Não é incomum em salas de aula, alunos “abandonados” em suas carteiras, devido a uma equipe docente que não compreende a escola como um espaço de produção de saberes múltiplos, que ainda sustenta uma concepção de “transmissão” de conteúdo, dando importância ao “o que aprender”, mas não ao “como aprender”.

2

Em tempos de Inclusão, a legislação reforça os pressupostos para uma educação baseada nos princípios da equidade. De acordo com a Declaração Internacional sobre Inclusão de 5 de julho de 2001, várias partes do mundo, reunidos em Montreal, no Canadá, se comprometeram com a adequação inclusiva em todos ambientes, produtos e serviços para benefícios de todos, e propuseram a inclusão dessas pessoas junto à sociedade, no que diz respeito ao acesso à educação inclusiva e principalmente ao trabalho.

Deliberato (2007, p.6) diz que sobre as habilidades comunicativas das crianças, jovens e adultos com deficiência, há um esforço por parte dos profissionais e pesquisadores em investir nas diferentes formas de comunicação e ampliar suas possibilidades, a fim de que possam favorecer a aquisição e desenvolvimento da linguagem e propiciar novos conhecimentos.

É evidente que o aluno com deficiência tem direito à comunicação nos diferentes espaços das escolas, promovendo a participação nas atividades pedagógicas e nos demais locais de suporte a sua educação, como salas de recursos multifuncionais, no entanto a resposta para essa problemática vai além de uma atuação baseada na avaliação, diagnóstico e encaminhamentos para serviços especializados. A complexidade das variáveis envolvidas no contexto pedagógico exige a interação entre dois ou mais profissionais.

[...] os pesquisadores e profissionais têm discutido e alertado que, em função da diversidade dos alunos matriculados nas escolas regulares, o professor necessita de apoio de diferentes profissionais da área da saúde, como no caso, os fonoaudiólogos, fisioterapeuta, terapeuta ocupacional. Além desses profissionais, a escola também necessita do apoio do professor habilitado e/ou especializado em educação especial para que, em conjunto com a escola, seja possível elaborar um projeto pedagógico com as adaptações e adequações necessárias para que o processo de ensino e aprendizagem do aluno com deficiência seja viabilizado (ARAUJO; DELIBERATO; BRACCIALLI, 2015, p.12).

A literatura de países com políticas e práticas mais avançadas nesta questão, tem apontado o modelo de ensino colaborativo, ou coensino, como um dos modelos em ascensão

para responder aos desafios impostos pela filosofia da inclusão escolar. (MENDES, 2014, p. 14).

Essa preocupação motivou o presente estudo visando uma parceria, por meio do trabalho colaborativo entre profissionais da saúde, (Terapeuta Ocupacional e Fonoaudióloga) e da educação objetivando condições para iniciar, avaliar e acompanhar o processo de Comunicação Alternativa em alunos sem oralidade.

Assim, o presente trabalho tem como objetivo principal compreender os aspectos relevantes do Trabalho Colaborativo e da Comunicação Alternativa e de como ambos os processos se complementam. A partir daí delineiam-se os objetivos específicos do estudo, tais como: identificar habilidades comunicativas necessárias ao aluno na rotina escolar, identificar qual o melhor recurso e adaptação no contexto escolar, identificar uma lista vocábulos norteador para iniciar a comunicação alternativa na rotina escolar.

## 1.1 COMUNICAÇÃO SUPLEMENTAR E ALTERNATIVA

De acordo com a teoria histórico-cultural, postulada por Vygotski (2001), o desenvolvimento do ser humano ocorre por meio das relações sociais. Assim, o desafio que se apresenta ao processo educativo é o de levar a criança a estabelecer uma relação cada vez mais mediata com o mundo, e, por isso, mais abrangente, intensiva e orientada por propósito. Nesse processo, a comunicação é essencial para que todo ser humano seja compreendido e entre outras coisas, consiga interagir, fazer escolhas e opinar sobre determinado assunto. A fala pode permitir aos alunos não só a interação, mas a possibilidade de expressar desejos, vontade e intenção (NUNES, 2003, p.5).

A tomada da palavra é uma das atividades mais importantes a serem desenvolvidas em sala de aula, ampliando suas competências comunicativas e sua formação intelectual e crítica dentro e fora da escola (BENTES, 2010, p.28). Dessa forma é necessário pensar no aluno com deficiência sem condições de usar a linguagem falada.

A Comunicação Suplementar e Alternativa é uma área da prática clínica destinada a compensar as alterações ou incapacidades de comunicação expressiva, distúrbios severos de fala, linguagem e escrita, seja de forma permanente ou temporária.

Na prática Comunicação Suplementar e Alternativa (CSA) é qualquer outra forma de comunicação que não seja a fala, como língua de sinais, gestos, expressões faciais, gestos ou o

uso de prancha de alfabeto ou símbolos pictográficos, até os sistemas sofisticados de computador com voz sintetizada e digitalizada (GLENNEN,1997, p. 162).

Omote (2001, p. 53) afirmou que qualquer prejuízo, especificamente, na capacidade de comunicação compromete a possibilidade de participação integral nas relações interpessoais e nas ações coletivas. O autor ainda argumentou que a falta da comunicação oral pode condenar o indivíduo ao isolamento social e comprometer a integridade da sua identidade pessoal e social. Nesse contexto, a pessoa pode perder os principais quadros de referência social e apresentar grande prejuízo no seu autoconceito e autoestima.

Assim, o recurso tecnológico para o aluno com deficiência não é suficiente para garantir a interação e integração nas relações sociais e a apropriação do processo de letramento e alfabetização. São necessárias ações colaborativas entre profissionais da saúde e da educação a fim de instrumentalizar o ambiente, capacitar os interlocutores dos alunos com deficiência, planejar e organizar tarefas tendo como referência o currículo comum da sala e as especificidades dos alunos.

O uso do sistema de Tecnologias de CSA nesta perspectiva vai garantir ao aluno com deficiência sem a possibilidade de utilizar a linguagem falada ter acesso à linguagem, favorece o acesso ao currículo escolar e as diferentes habilidades comunicativas (DELIBERATO, 2009, 2013, p. 16).

## 1.2 TRABALHO COLABORATIVO

Rocha (2013, p.40) em sua tese de doutorado, coloca que os estudos a respeito de formação de professores no contexto da Tecnologia Assistiva têm uma tendência de realizar os procedimentos metodológicos numa perspectiva de trabalho em colaboração com profissionais da escola, sendo que muitas destas colaborações envolvem a atuação conjunta entre pesquisadores e professores durante uma intervenção específica proposta no planejamento compartilhado entre ambos os profissionais (MENDES, 2009, MENDES, ALMEIDA; TOYODA, 2011; MACHADO; BELLO; ALMEIDA, 2012).

Segundo Rocha (2013, p.40) este tipo de intervenção está sendo visto com sucesso nas pesquisas com tecnologia assistiva, pois o trabalho colaborativo entre o pesquisador, profissionais da escola e alunos, promove um espaço onde todos passam a serem parceiros durante o processo, isto é, membros da equipe, garantindo que as necessidades de todos sejam

consideradas desde o início, respeitando suas origens e perspectivas. Segundo a mesma autora, a proposta dos trabalhos colaborativos consiste em levar o trabalho de diferentes especialistas para o contexto escolar, contribuindo com estratégias de intervenção a partir de problemas vivenciados pelos professores na escola. A partir do trabalho colaborativo, em que professores e profissionais da saúde identificam as principais demandas e necessidades do processo de inclusão de alunos com deficiência sem oralidade, devem ser construídas estratégias que favoreçam a implementação dos recursos da CSA, possibilitando o desenvolvimento acadêmico do aluno.

5

Dentre as formas de trabalho colaborativo na escola encontramos dois modelos: “o coensino” ou “ensino colaborativo” e a “consultoria colaborativa” (MENDES, ALMEIDA, TOYODA, 2011; MACHADO; BELLO; ALMEIDA, 2012).

O ensino colaborativo é um modelo de prestação de serviço no qual um educador comum e um educador especializado dividem a responsabilidade de planejar, instruir e avaliar a um grupo heterogêneo de estudantes com objetivo de criar opções para aprender e prover apoio a todos os alunos na sala de aula da turma comum, combinando as habilidades do professor comum e do professor especialista (MENDES, 2006, p. 32).

Em relação à consultoria colaborativa, Rocha (2013, p. 42) aponta que é importante previamente entender o termo consultoria como um procedimento de resolução de problema que ocorre num período de tempo e segue determinados estágios um processo que tem seis características: 1) é uma ajuda ou processo de resolução de problemas; 2) ocorre entre alguém que recebe ajuda e alguém que dá a ajuda e que tem a responsabilidade pelo bem estar de uma terceira pessoa; 3) é uma relação voluntária; 4) tanto quem dá ajuda quanto quem a recebe compartilha a solução do problema; 5) a meta é ajudar a resolver um problema de trabalho atual de quem busca a ajuda; e 6) quem ajuda se beneficia da relação, de modo que os futuros problemas poderão ser controlados com mais sensibilidade e habilidade (IDOL, NEVI, PAOLUCCI, 2000).

## 2. PROPOSTA DE TRABALHO

Essa proposta de trabalho foi pensada em função da necessidade de um aluno, com paralisia cerebral sem fala articulada, matriculado no 3º ano no Ensino Fundamental I, turma regular, não alfabetizado, de comunicar-se em contexto escolar, sendo assim incluindo no

processo de aprendizagem possibilitando a ele condições de apropriar-se da leitura e da escrita.

Participou desse trabalho o aluno com paralisia cerebral, sua professora do ensino regular e sua professora do Atendimento Educacional Especializado, uma terapeuta ocupacional e uma fonoaudióloga.

A primeira etapa consistiu em reuniões com a equipe da escola para introduzir o tema da comunicação alternativa, abordando os protocolos de avaliação que seriam utilizados para levantamento de dados com os professores, e paralelo a esse processo de reflexão visitas semanais a unidade escolar para o trabalho colaborativo. Os momentos de desenvolvimentos serão descritos a seguir:

- Aplicação do Protocolo Para Avaliação de Habilidades Comunicativas em Situação Escolar, aos professores do ensino regular e do AEE para levantamento de dados sobre a rotina escolar, temáticas e necessidades do aluno em contexto escolar;
- Reunião para análise dos dados coletados, a fim de traçar um planejamento definindo quais palavras inserir na rotina escolar, se seria por meio de objetos, figuras ou palavra impressos. Reflexões sobre a importância de observar o momento do desenvolvimento da criança e suas habilidades, de iniciar por meio do sistema mais simples e do domínio da criança. OBS: a seleção dos vocábulos deve estar relacionada com os fonemas alvos trabalhos na escola, respeitando o momento do desenvolvimento da criança.
- Visita da Terapeuta Ocupacional na escola para acompanhamento do aluno em contexto escolar e para observação na prática do professor. O quadro 1 explicita os aspectos observados:

| Quadro 1  |  |
|---|--|
| Aspecto observados na sala de aula regular  |  |
| 1. Qual o repertório de atividades e estratégias do professor em relação aos aspectos da: |  |
| Comunicação   |  |
| Atividade de vida diária  |  |

|  |
|--|
| Funcionalidade motora  |
| 2. Há uma rotina estruturada de atividades para esse aluno que favoreça: |
| Autonomia  |
| Interação com o grupo  |

- Reunião com terapeuta, fonoaudióloga, e pedagogas para discussão das observações feitas em contexto escolar e para pensar no fornecimento de suporte informativo, proposição de estratégias e proposição de recursos para as próximas visitas à unidade escolar.
- Durante o trabalho colaborativo na escola terapeutas e professores analisavam o conteúdo pedagógico, selecionavam o repertório de palavras, confeccionavam recursos e prancha de comunicação alternativa, estimulavam o aluno a usar, auxiliando-o.
- As figuras 1 e 2 exemplificam as pranchas utilizadas:

Figura 1



Figura 2





### 3. RESULTADOS OBTIDOS

Nos primeiros momentos já foi possível observar o grande interesse do aluno e a necessidade que tinha em comunicar-se.

Observou-se um aumento significativo no repertório de palavras do aluno, iniciamos utilizando uma prancha com seis palavras e após dois meses de trabalho o aluno fazia uso de uma prancha com 58 palavras (escrita e imagem) utilizamos o programa boardmaker para recorrer às imagens, organizadas de acordo com sua classe semântica: pessoas, verbo, substantivos, conectivos.

O aluno conseguiu montar diversas frases de uso cotidiano, como por exemplo: Eu quero o livro/ Eu quero ir ao banheiro/ Eu estou com fome. Como demonstrado na figura 3.

Figura 3





Outro aspecto positivo foi a parceria com os diversos profissionais, o trabalho numa proposta colaborativa, propiciou o debate, a reflexão, diversos pontos de vista sobre os problemas, as pedagogas contribuíram com profunda reflexão sobre concepção de aprendizagem, valorização das diferenças na sala de aula, apropriação de competências e não mais transmissão de conteúdo, a fonoaudióloga auxiliou com uma sólida discussão sobre Linguagem e Comunicação, a Terapeuta Ocupacional apoiou todo o processo pensando no recurso adequado, na funcionalidade desse recurso para o objetivo a qual se propunha.

Sendo assim, todo o esforço, foi dirigido para possibilitar ao aluno uma via de comunicação na qual ele poderá expressar suas vontades, seus sentimentos, e com isso passar de uma situação de sujeito passivo em sala de aula para sujeito ativo, participativo e autônomo.

O Trabalho Colaborativo se tornou pré-requisito para experiência de sucesso na implementação da Comunicação Alternativa em Contexto Escolar, pois, a equipe multiprofissional socializou os diversos saberes, somando todos os recursos nos quais o aluno poderia beneficiar-se. Todos os envolvidos compartilharam responsabilidades no processo de planejamento, execução e avaliação das ações.

#### 4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Contudo, a escola Inclusiva é apresentada desde a Constituição Federal, de 1988, no Estatuto da Criança e do Adolescente, de 13 de julho de 1990, na LDB- Lei de Diretrizes e Bases (9394/96), na Declaração Mundial de Educação para Todos e Declaração de Salamanca, além de outras leis, decretos e portarias, que garantem a todos direito à educação e propõe uma mudança de valores que exigem adaptações na estrutura da educação e na sociedade como um todo.

10

Dessa forma, garantir uma educação de qualidade para todos, significa pensar sobre como cada aluno aprende, considerar suas necessidades e potencialidades e a partir daí possibilitar o aprendizado. No entanto, em nossas escolas ainda predomina o método mais tradicional de ensino, a transmissão oral do professor e consequentemente do aluno, então fica a questão: como crianças que não possuem comunicação oral se expressam, trocam experiências, ideias, questionam, levantam dúvidas em sala de aula? Muitos professores se queixam das dificuldades de seus alunos referentes a habilidades comunicativas e se declaram desamparados por não saberem lidar com esses aspectos.

## 5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ARAUJO, R.C.T.; DELIBERATO, D.; BRACCIALLI, L.M.P.A. **A comunicação alternativa como área do conhecimento nos cursos da educação e saúde.** In: DELIBERATO, D. MANZINI, J. E. (Org.) Instrumentos para avaliação de alunos com deficiência sem oralidade. São Carlos: Marquezine & Manzini: ABPEE, 2015.

BENTES, Anna Christina. **Linguagem oral no espaço escolar: discutindo o lugar das práticas e dos gêneros orais na escola.** Cap. 6. Ministério da Educação, Secretaria de Educação Básica, 2010. (Coleção Explorando o Ensino; v. 19).

BRASIL. Ministério da Educação e do Desporto. Lei n. 9.394, 20 de dezembro de 1996. Estabelece as diretrizes e bases da educação. Disponível em: <<http://portal.mec.gov.br/seed/arquivos/pdf/tvescola/leis/lein9394.pdf>>. Acesso em: 19 out. 2011.

DELIBERATO, D. **Caracterização das habilidades expressivas de um aluno usuário de comunicação alternativa durante intervenção fonoaudiológicas.** In NUNES, L.R.O.P. [et al.] Comunicar é preciso: em busca das melhorias práticas na educação do aluno com deficiência. Marília: ABPEE, 2011.

\_\_\_\_\_. **Comunicação alternativa na escola: possibilidades para o ensino do aluno com deficiência.** In: ZABOROSKI, A. P.; Oliveira. J. P. (Org.). Atuação da

Fonoaudiologia na escola: reflexões e práticas. 1ed. Rio de Janeiro: WAK Editora, 2013, v.1, p. 71-90.

DELIBERATO, D., PAURA, A. C. **Comunicação alternativa e suplementar (CAS) como recurso de apoio no ensino do conteúdo pedagógico de criança incluída** In: CONGRESSO BRASILEIRO DE COMUNICAÇÃO ALTERNATIVA - ISAAC - BRASIL, 2., 2007, CAMPINAS. Anais de resumos e trabalhos completos. Campinas: Gráfica Central de Campinas, 2007. p.1 – 8.

11

GEBRAEL, T.L.R. <sup>1</sup>; MARTINEZ, C.M.S. **Consultoria colaborativa em terapia ocupacional para professores de crianças pré-escolares com baixa visão** Rev. bras. educ. espec. vol.17 no. 1 Marília Jan./Apr. 2011.

GLENNEN, S. L. **Augmentative an Alternative Communication Assessment Strategies**. In:GLENNEN, S. L.; DE COSTE, D. C. (Ed) The handbook of argumentative and alternativecommunication. San Diego: Singular, 1997, p. 149- 192.

IDOL, L.; NEWIN, A.; PAOLUCCI-WHITCOMB, P. **Collaborative consultation**. 3 ed. Austin, Texas: Pro-Ed, 2000.

MENDES E. G.; ALMEIDA, M. A.; TOYODA, C. Y. **Inclusão escolar pela via da colaboração entre educação especial e educação regular**. Educar em Revista, v 41, p. 81-93, 2011.

MENDES, E. G. **Colaboração entre ensino regular especial: o caminho do desenvolvimento pessoal para a inclusão escolar**. In: MANZINI (org.). Inclusão e acessibilidade. Marília: ABPEE, 2006. p. 29-41.

\_\_\_\_\_. **Ensino colaborativo como apoio à inclusão escolar: unindo esforço entre educação comum e especial**. São Carlos: EDUFSCAR, 2014.

NUNES, L. R. O. P. **Linguagem e comunicação alternativa: uma introdução**. In: NUNES, L. R. O. (Org.). **Favorecendo o desenvolvimento da comunicação em crianças e jovens com necessidades educacionais especiais**. Rio de Janeiro: Dunya, 2003, p. 1-13.

OMOTE, S. **A concepção de deficiência e a formação do profissional em educação especial**. In: MARQUEZINE, M. C. et al. (org) **Perspectivas multidisciplinares em educação especial II**. Londrina: Ed. UEL, 2001, p. 45 – 52.

ROCHA, A. N. D. C. **Recursos e estratégias da tecnologia assistiva a partir do ensino colaborativo entre profissionais da saúde e da educação**. 210 f. Tese (Doutorado) - Faculdade de Filosofia e Ciências, Universidade Estadual Paulista, Marília, 2013.

VIGOTSKI, L. S. **Aprendizagem e desenvolvimento intelectual na idade pré-escolar**. In: VIGOTSKI, L. S.; LÚRIA, A. R; LEONTIEV, A. N. **Linguagem, desenvolvimento e aprendizagem**. 5 ed. São Paulo. Ícone, 2001